

III Seminário do trabalho social com famílias no SUAS/2019

Relações de classe social nas dimensões de gênero no trabalho com famílias: invisibilidades cotidianas



Maria Elisa dos Santos Braga
Mestre em Serviço Social
melisalilas@gmail.com

I – O patriarcado e a construção da opressão e dominação das mulheres na história.

- ▶ Segundo Muraro (1992) o planeta terra existe há 4,5 milhões de anos.
- ▶ Os primeiros sinais de vida apareceram há cerca de 2 milhões de anos.
- ▶ Há 1 milhão de anos, há vestígios de macacos que precederam a espécie humana.
- ▶ O homo sapiens tem variação de sua aparição registrado de 100 a 50 mil anos.

I – O patriarcado e a construção da opressão e dominação das mulheres na história.

- ▶ No entanto só há três mil anos temos registros históricos mais precisos em função do aparecimento da escrita.
- ▶ E somente a partir do século XX surge a necessidade de trazer à luz da história algo que ninguém contou: a história humana do ponto de vista das mulheres.
- ▶ Muraro (1992) aponta que os vestígios de grupos proto-humanos tem como centralidade em suas relações sociais a dupla mãe/ filho/ a.

I – O patriarcado e a construção da opressão e dominação das mulheres na história.

- ▶ Segundo William IN Muraro “na sociedade dos primatas não existe nada semelhante ao estupro” (1992, p.20)
- ▶ As pinturas nas cavernas, estudadas por arqueólogos e antropólogos, não demonstram que os homens (sexo masculino) eram predadores brutais e cruéis da natureza e das mulheres. Essas sociedades primitivas parecem ter sido sociáveis, tendo como centralidade a mãe e as crianças.

I – O patriarcado e a construção da opressão e dominação das mulheres na história.

- ▶ Grande parte das sociedades primitivas era matrilineares e as mulheres possuíam status igual ao do homem. Compartilhavam alimento, eram cooperativos entre si. A divisão sexual do trabalho, com valoração diferente vai construindo os processos de dominação.
- ▶ Nos primeiros mitos humanos, as mulheres estavam mais próximas do sagrado do que os homens. No mito grego, a criadora primeira é Gea, mãe Terra. No mito africano a mãe arcaica de Oxalá é Nanã Burequê. No asteca era Xoxiquetzl, mãe Terra. Entre os sumerianos, Siduri reinava num jardim de delícias.

I – O patriarcado e a construção da opressão e dominação das mulheres na história.

► Para Joseph Campbell, mitólogo americano, existem quatro etapas nas histórias dos mitos:

1 – O mundo é criado por uma deusa sem auxílio de ninguém

2 – A deusa é associada a um consorte

3 – O deus macho cria o mundo sob o corpo de uma deusa

4 – Um deus masculino cria o mundo sozinho

I – O patriarcado e a construção da opressão e dominação das mulheres na história.

- ▶ Segundo Marx e Engels, a divisão sexual do trabalho deu origem a uma divisão social do trabalho que levou a uma especialização.
- ▶ O aperfeiçoamento de tecnologias, como da agricultura, deu origem ao excedente (lucro). Esses foram utilizados como valores de troca dando origem a uma classe dominante que não precisava trabalhar e, vivia da venda dos excedentes escravizando outros humanos. Daí a origem do Estado centralizador, autoritário e violento. A classe dominante passou a defender a propriedade da terra, dos excedentes e, com a expansão da agricultura, a propriedade privada, bem como a dominação da mulher, reduzindo-a ao âmbito privado.

I – O patriarcado e a construção da opressão e dominação das mulheres na história.

- ▶ Assim, foi-se constituindo o patriarcado de forma gradual e lenta estabelecendo uma rede de poder que construiu conceitos e controles. Também “a partir da dominação econômica exercida sobre ela pelo marido e sua família, a mulher introjeta sua inferioridade” (MURARO: 1992, p.67)
- ▶ Essas idéias são repetidas até a exaustão na família, nas escolas, na mídia, nas igrejas, nos contos de fadas e, não é de estranhar que as mulheres e homens se convençam delas.

I – O patriarcado e a construção da opressão e dominação das mulheres na história.

- ▶ É importante lembrar que o patriarcado também rompe os laços de afeição entre as próprias mulheres, que existiam nas culturas matricêntricas. A partir da instauração desse sistema a mulher é arrancada de sua família de origem para uma família desconhecida e invariavelmente vai ser hostilizada por uma sogra dominadora e por vezes cunhadas hostis. Além disso as mulheres passam a competir por casamentos mais ricos.

I – O patriarcado e a construção da opressão e dominação das mulheres na história.

▶ Segundo Muraro (1992) existem duas características fundamentais no patriarcado:

1 – A dominação do homem pelo homem

2 – A dominação do homem sobre a mulher

I – O patriarcado e a construção da opressão e dominação das mulheres na história.

► Ressalta ainda que este sistema provocou quatro cisões:

- 1 – A cisão dentro do homem; entre a sexualidade e o afeto.
- 2 – A cisão do homem/ homem – naturaliza a escravidão.
- 3 – A cisão homem/ mulher – essencial para a opressão e a consequente cisão entre o público e o privado.
- 4 - A cisão homem/ natureza. A natureza passa a ser uma propriedade para servir a qualquer custo ao homem.

I – O patriarcado e a construção da opressão e dominação das mulheres na história.

As mulheres também fazem a história, mas não a fazem em condições por ela idealizadas, mas em circunstâncias herdadas do passado. No entanto onde há opressão há resistência.

II – As mulheres; suas lutas e seu movimento social.

- ▶ Na sociedade capitalista hoje, segundo Saffioti, há três projetos, de longa duração e de exploração – dominação: o projeto da burguesia; o projeto dos homens: cujo objetivo principal consiste em subordinar as mulheres e o projeto dos brancos em manter sua supremacia. Portanto, na sociedade brasileira o poder é rico, branco e macho.

II – As mulheres; suas lutas e seu movimento social.

- ▶ O Feminismo na história
- ▶ Por ocasião da Revolução Francesa o papel da mulher foi decisivo. Foram elas que tomaram a Bastilha. Uma enorme multidão de mulheres enfurecidas avançou sobre Versalhes e pôs fim à monarquia. Foram as mulheres que tomaram a iniciativa da defesa do pão para seus filhos. Quando a monarquia foi destronada, mulheres como Olympe de Gouges e Madame Roland foram decapitadas.

II – As mulheres; suas lutas e seu movimento social.

- ▶ Depois da Revolução Francesa as mulheres constituíram quase metade das massas operárias do século XIX quando vai se instaurando um outro sistema de dominação e expropriação humana: o capitalismo.
- ▶ No entanto, segundo Muraro “Há em curso uma outra revolução silenciosa, as mulheres conseguiram invadir como povo o mundo masculino” (1992, p.84)

II – As mulheres; suas lutas e seu movimento social.

O movimento feminista se fortalece na Revolução Industrial em função das mulheres ao assumir postos de trabalho são exploradas pelas inúmeras jornadas de trabalho.

Tem como marco de sua organização a Convenção dos Direitos da Mulher em 1848 em Nova York.

A primeira onda do movimento feminista

- ▶ A primeira onda é reconhecida, no tempo histórico, entre o final do século XIX até meados do século XX.
- ▶ Isto não quer dizer que as mulheres não se rebelaram antes, e sim que não tiveram um movimento capaz, como uma onda, de alterar, transformar relações desiguais históricas em luta e conquistas.
- ▶ Nessa primeira onda a principal bandeira era a luta pelo voto e pela jornada extenuante de trabalho
- ▶ Nessa onda haviam feministas abolicionistas, liberais e outras que incorporaram as teorias socialistas e marxistas.

A segunda onda do movimento feminista

- ▶ Na segunda onda, caracterizada da metade do séc. XX até os anos 90, materializa o feminismo radical dos anos 60 e 70.
- ▶ A bandeira de luta é: O pessoal é político, discutindo o direito da mulher ao seu corpo materializado na discussão da sexualidade e dos direitos reprodutivos.
- ▶ Não é a toa que a CATEGORIA DAS RELAÇÕES DE GÊNERO SURGE como construção teórica revolucionária, diferenciando sexo de gênero, na década de 70 e 80. O termo violência de gênero contra as mulheres é cunhado neste tempo histórico.
- ▶ Na onda americana que fortaleceu muito a onda mundial tinha como lema a irmandade entre as mulheres e seu empoderamento.

A terceira onda do movimento feminista

- ▶ Na terceira onda reconhecida à partir dos anos 90, foi introduzida a ideia de interseccionalidade, materializada pela ideia de que existem diferentes atenuantes formas de opressão às mulheres, de acordo com o entrecruzamento dos sistemas de raça, classe social, sexualidade e conjuntura histórica cultural do país em que vivem. Procuram evitar um conceito universal de mulher, reconhecendo a variedade e diferentes identidades que representam.

A quarta onda do movimento feminista

A 4 onda entendida à partir de 2010/2012 e esta em curso é definida pela tecnologia, uso do facebook, twitter, instagram, youtube e blogs feministas.

Ex. movimento Me too (quebradoras do silêncio).

Conceituando gênero, violência e violência de gênero

- ▶ A violência de gênero é um fenômeno social que afeta grandes contingentes populacionais, e que foi reconhecida pela Organização Mundial da Saúde (OMS) como um problema de saúde pública. Chama-se violência de gênero pelo caráter de discriminação em relações às mulheres e pelo existência da cultura machista e patriarcal que fomenta a violência (**Saffiotti, 2005; Biglia, 2007**).

Conceituando gênero, violência e violência de gênero

- ▶ A violência se opõe a ética porque trata seres racionais e sensíveis dotados de linguagem e de liberdade, como se fossem coisas, isto é, irracionais, insensíveis, mudas, inertes ou passivas. Na medida em que a ética é inseparável da figura do sujeito racional, voluntário, livre e responsável, tratá-la como se fosse desprovida de razão, vontade, liberdade e responsabilidade é tratá-la como não humano e sim como coisa.

A Construção da categoria das relações de gêneros e as violências de gênero

- ▶ O movimento feminista no século XX provoca uma revolução nas relações sociais entre os sexos.
- ▶ Na década de 70 constrói-se uma nova categoria – Gênero.
- ▶ Na década de 80 essa categoria obtém outra abordagem a partir de Joan W. Scott: “Gênero é tanto um elemento constitutivo das relações sociais, fundamentado sobre as diferenças percebidas entre os sexos, quanto uma maneira primária de significar relações de poder. Gênero é o saber que estabelece significados para as diferenças corporais”

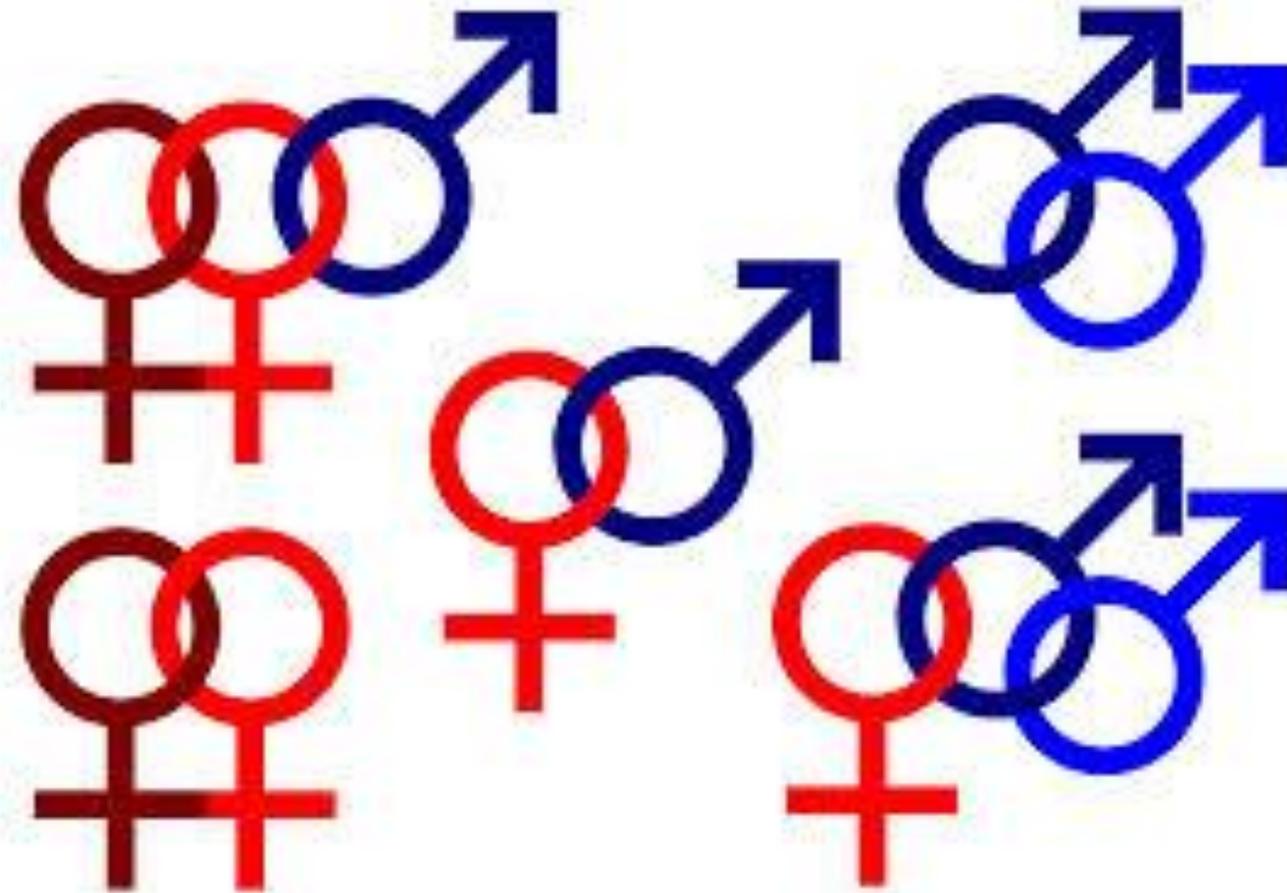
A Construção da categoria das relações de gêneros e as violências de gênero

- ▶ Desta forma entender as relações de gênero conceitualmente favorece:
 - a revelação e o questionamento das representações sociais sexuais (dadas como naturais e inquestionáveis);
 - a compreensão que o sexo é um viés biológico sobre o qual são elaborados os significados sociais e culturais que constroem o masculino e o feminino;
 - o entendimento de um campo de poder que a hierarquiza e regula as diferenças sexuais;

A Construção da categoria das relações de gêneros e as violências de gênero

- ▶ Gênero não é uma categoria totalmente aceita.
- ▶ Para Lia Z. Machado a rejeição se fundamenta em dois pontos principais:
 - 1) porque inclui todas as formas de sexualidade;
 - 2) porque desconstrói a idéia de mulher e a próprio conceito da família.
- ▶ E obviamente porque questiona a falocracia, o machismo e a estrutura patriarcal.

Relação entre Gênero, sexualidade e direitos reprodutivos



Identidade de gênero

- ▶ Mulher que se sente homem e homem que se sente mulher



Identidade de gênero

- ▶ Você sabia que a Alemanha lançou em 2018 uma cartilha de diversidade sexual na pré escola?
- ▶ Título da cartilha:
- ▶ A princesa Alex tem duas mães e Sophie agora se chama Ben.
- ▶ Discutir esse conteúdo é difícil para você?
- ▶ Tem sentido, na atual onda conservadora brasileira (e mundial) a discussão de gênero como proibida nas escolas?

Naturalização dos papéis de Gênero e Violência

- Mulher –mãe- atender e cuidar do outro
- Adia suas necessidades em detrimento das dos outros
- Impunidade ligada ao poder
- Invisibilidade e desvalorização do cuidado doméstico e de crianças e idosos

A mulher nas políticas públicas

- ▶ As políticas públicas brasileiras reforçam a associação da mulher com a figura da mãe e ao cuidado da humanidade (filhos/as , marido , família , pais , irmãos/as, doentes , com transtornos , com a comunidade...)
- ▶ Mulher = mãe
- ▶ Família = mãe

A mulher nas políticas públicas

- ▶ A centralidade aprofunda-se não na família necessariamente mas , na relação mulher-mãe como "boa família "
- ▶ Segundo Saraceno (1997)" é antes de mais nada , no âmbito da família que o fato de se pertencer a um determinado sexo se transforma em destino pessoal ... numa hierarquia de valores , poder , responsabilidade . "(p 156)

A mulher nas políticas públicas

- ▶ Nesse sentido , a construção das desigualdades de gênero é reforçada e construída também no espaço público , quando se coloca a mulher como titular das famílias e conseqüentemente responsável por elas e pelo cumprimento das condicionalidades deste programas.

A mulher nas políticas públicas

- ▶ Para Pereira (2006) o objetivo da política social em relação à família não deve ser o de pressionar as pessoas para que elas assumam responsabilidades além de suas forças e de sua alçada , mas oferecer alternativas realistas de participação cidadã , naquilo que notadamente o Estado tem como prerrogativa em fazer , isto é , garantir direitos .
- ▶ A estratégia atual , no entanto , é a privatização da sobrevivência das famílias , transferindo a responsabilidade do Estado para as mulheres.

III – Uma trajetória de lutas: conquistas visíveis ou invisíveis no cotidiano das mulheres

As mulheres nas famílias sofrem violência de gênero do nascimento à fase da terceira idade.

Os homens nas famílias também sofrem violência de gênero por colocarem em risco o seu papel patriarcal (não serem o mantenedor financeiro da família, não serem obedecidos em suas ordens, serem ameaçados pela autonomia das mulheres, não serem heterossexuais assumidos, poderem ser trocados e não terem a mulher como seu objeto de posse.)

Algumas das principais conquistas históricas das mulheres brasileiras

1932 – Direitos Políticos das mulheres.

1988 – Constituição de 1988/ Direitos iguais para homens e mulheres.

1994/1995 – Assinatura e participação do Brasil na Convenção Interamericana para erradicar a violência contra a mulher.

2003 – Criação da Secretaria Nacional de Política para as mulheres.

2006 – Lei Maria da Penha.

2015 – Lei do Feminicídio que tipifica o homicídio contra as mulheres.

Antes e depois da Lei Maria da Penha

▶ Lei 9.099/95

- ▶ NÃO EXISTIA LEI ESPECÍFICA
- ▶ CRIME DE MENOR POTENCIAL OFENSIVO- PENA MÁXIMA 2 ANOS E GERALMENTE PECUNIÁRIA OU ALTERNATIVA
- ▶ JUIZADOS ESPECIAIS CRIMINAIS
- ▶ MULHER ENTREGAVA A INTIMAÇÃO AO AGRESSOR
- ▶ NÃO ERA PREVISTA PRISÃO PREVENTIVA NEM FLAGRANTE

▶ Lei 11.340/2006

- ▶ TIPIFICA E DEFINE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA, INDEPENDENTE DE ORIENTAÇÃO SEXUAL
- ▶ PROÍBE APLICAÇÃO DE PENAS PECUNIÁRIAS-3 ANOS RECLUSÃO
- ▶ JUIZADOS ESPECIALIZADOS DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA
- ▶ PROÍBE QUE ELA ENTREGUE A INTIMAÇÃO AO AGRESSOR
- ▶ POSSIBILITA A PRISÃO EM FLAGRANTE E APLICAÇÃO DE MEDIDAS PROTETIVAS

Lei Maria da Penha



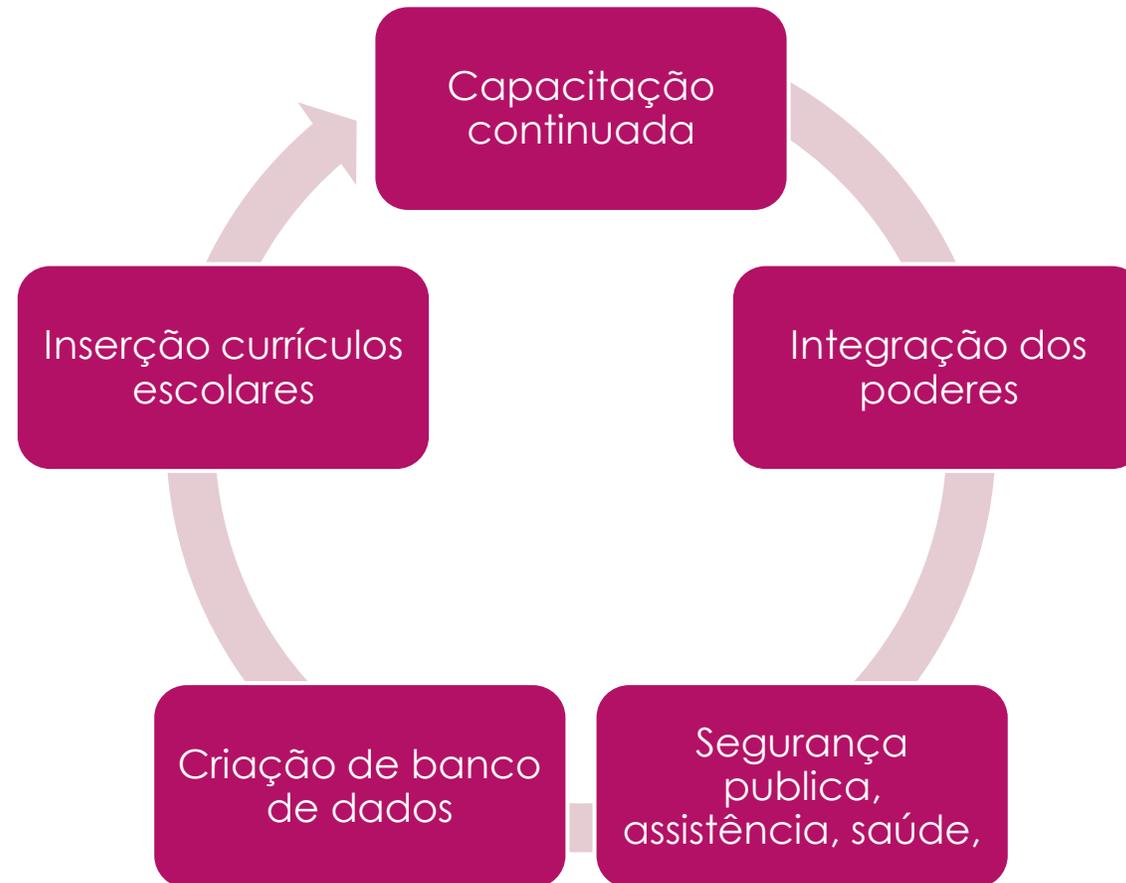
Mudança de Paradigma

Juizados
Cível e
criminal

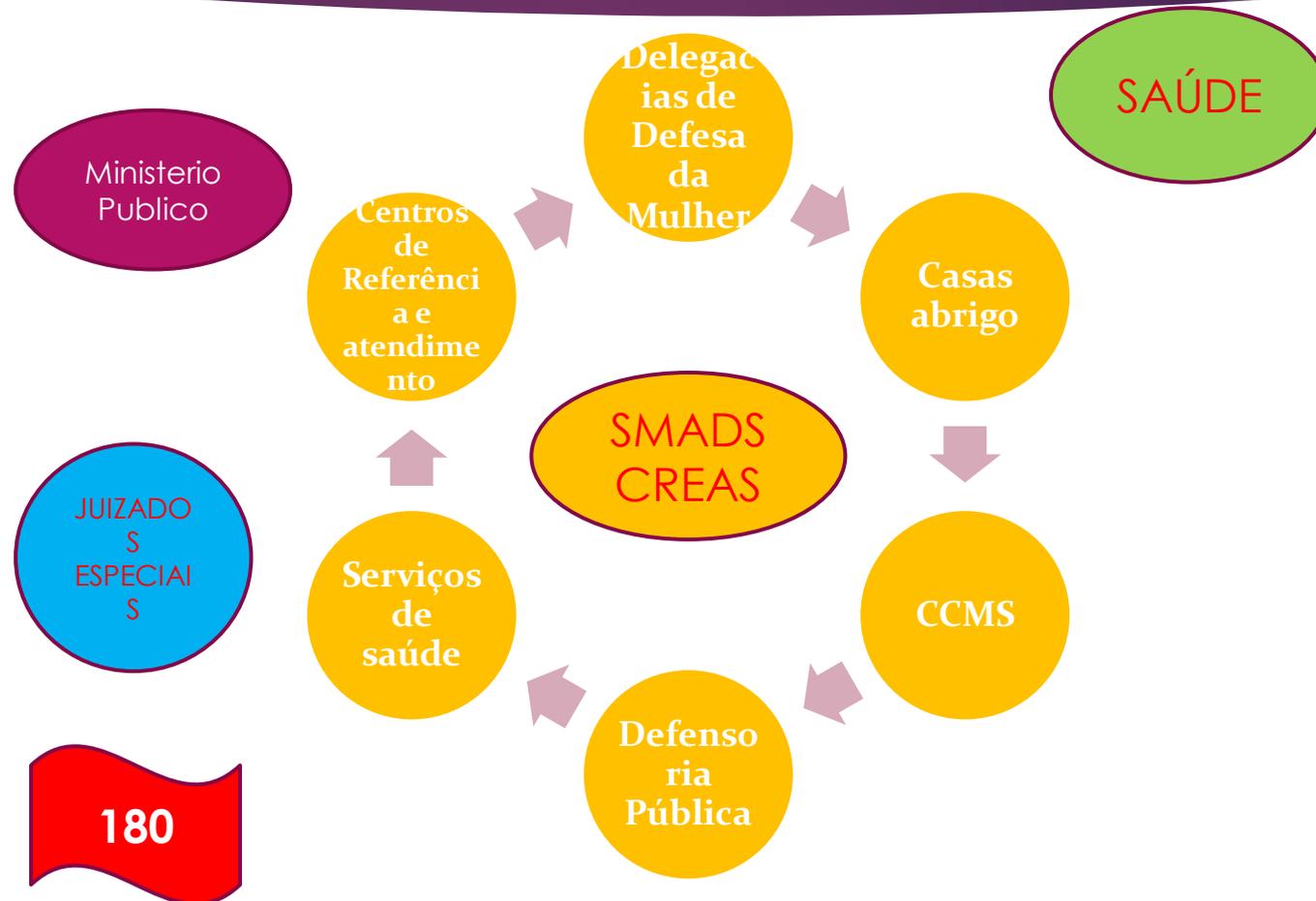
Incorporação da
perspectiva
de Gênero

Atendimento
especializado e
multiprofissional

Incorporação da ótica preventiva, integrada e multidisciplinar



Organismos mínimos da rede de atenção à violência contra a mulher:



Ministério Público SP

As principais dificuldades no enfrentamento à violência doméstica são: a) a subnotificação, b) o atendimento inapropriado nos serviços públicos que compõem a rede, mal instruídos nas questões de gênero, c) retratação das vítimas durante o inquérito ou ação penal, d) medo do agressor levando à reiteração, e) preconceitos e reforço da assimetria de gênero por parte dos operadores do Direito e agentes públicos que compõem a rede e naturalizam a violência praticada e sofrida.

Abordagens na Rede

A pesquisa realizada por Cecília MacDowell (Universidade da Califórnia) sobre as redes de enfrentamento à violência contra a mulher em São Paulo (de 2012 à 2014) detectou que:

Os agentes do Estado incorporam diferentes abordagens sobre a violência doméstica contra as mulheres provocando um curto circuito nas redes.

Identificou na pesquisa:

- Abordagem feminista
- Abordagem de gênero
- Abordagem familista
- Abordagem Interseccional de gênero, raça e classe social

Nosso compromisso com a desconstrução das relações de gênero patriarcais

Essa tarefa começa com cada um de nós – retirando os véus da alienação.

Essa tarefa continua no compromisso de trabalho na perspectiva interseccional de gênero, raça/ etnia, classe social e geração com as usuários/ usuárias na construção e materialização das políticas públicas e dos direitos humanos e das humanas.

Essa tarefa urge de envolvimento e compromisso nas redes de enfrentamento à violência nessa perspectiva interseccional.

É preciso vencer o imobilismo que nos aprisiona nesse momento histórico brasileiro de caos, retrocesso, conservadorismo radical, destruição das conquistas e dos processos democráticos.

Nosso compromisso

Para que além de resistirmos à barbárie, possamos colocar nossa energias na construção de uma outra sociabilidade.

E como afirma Bertold Brecht: “não aceiteis o que é de hábito como coisa natural, pois em tempo de desordem sangrenta, de confusão organizada, de arbitrariedade consciente, de humanidade desumanizada nada deve parecer natural, nada deve parecer impossível de mudar.”

Referências Bibliográficas

- ANAIS XIII Encontro Nacional Feminista. O Feminismo nos 500 anos de dominação: Resistências – Conquistas – Perspectivas. Paraíba, nov. 2003.
- Bruschini, Cristina e Uhehaum, Sandra G. (org) Gênero democracia e sociedade brasileira – São Paulo: FCC: Ed34, 2002.
- Brasil, Ministério do planejamento, orçamento e gestão. Pesquisa de informações Básicas Municipais, MUNIC, 2010.
- Brasil, pacto nacional pelo enfrentamento da violência contra a mulher, 2007.

Referências Bibliográficas

- ▶ BARBOSA GOMES, Joaquim B. ação afirmativa & princípio constitucional da igualdade, trecho extraído do voto do Ministro Luiz Fux:
- ▶ BASTERD, Leila Pinhares. Advocacy Feminista , in CAMPOS, Carmen Hein de (Org.). Lei Maria da | Penha Comentada em um perspectiva jurídico-feminista. Rio de Janeiro: Lumens Juris, 2011, p15.
- ▶ BARSTED, Leila Linhares. Violência contra a mulher e cidadania: uma avaliação das políticas públicas. Cadernos CEPIA. Rio de Janeiro, 1994, ano 1, nº 1,
- ▶ BRASIL. Secretaria Especial de Políticas para Mulheres. II Plano Nacional de Políticas para Mulheres, Brasília, DF, 2008.

Referências Bibliográficas

- Cadernos Pagu. Trânsitos. Núcleo de estudos de gênero/UNICAMP, (31) julho – dezembro de 2008.
- Comissão Parlamentar Mista de Inquérito. Relatório Final. Relatora: Senadora Ana Rita Brasília, Junho, 2013.
- GARCIA, M.H. Serviço Social e Violência Domestica: entre o olhar e o fazer interdisciplinar. Ed. Michael H.G. Teixeira-Clube dos Autores/ Agbook, Salvador-BA, 2010.
- Muraro, Rose Marie. A mulher no 3º milênio: uma história da mulher através dos tempos e suas perspectivas para o futuro. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992.

Referências Bibliográficas

- Muraro, Rose Marie. A mulher no 3º milênio: uma história da mulher através dos tempos e suas perspectivas para o futuro. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992.
- Saffioti, H.IB e Vargas, Monica Munõz. Mulher Brasileira é assim. Editora Rosa dos Tempos. São Paulo, 1992.
- PIMENTEL, Silvia e PIOVESAN, Flavia. A Lei Maria da Penha na perspectiva da responsabilidade internacional do Brasil, Rio de Janeiro: Lúmen Juris, 2011.
- Rede de Enfrentamento- A Violência contra as Mulheres , SPM, 2011

Referências Bibliográficas

- Saffioti, H.IB e Almeida, Sueli. S. Violência de gênero: poder e impotência. R.J.: Revinter, 1995.
- São Paulo (cidade). Secretaria do Governo Municipal. Coordenadoria Especial da Mulher. Gênero e Educação: Caderno para professores. Autores diversos. São Paulo, 2003.
- Scott, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. IN: Educação e realidade, v 20, jul –dez 1995.